

# A ACENTUAÇÃO GRÁFICA EM UMA SÓ REGRA A LÓGICA DA ACENTUAÇÃO GRÁFICA EM PORTUGUÊS<sup>1</sup>

*José Pereira da Silva (UERJ)*

## RESUMO

Os livros didáticos de Língua Portuguesa, assim como as suas gramáticas normativas e pedagógicas, apresentam as regras de acentuação gráfica de uma forma extremamente fracionada e impregnada de exceções, desmoralizando os professores mais atentos à lógica que levou a essas regras e desmotivando os alunos.

Em primeiro lugar, observemos que a acentuação gráfica é uma normatização da lógica gramatical, estabelecida estatisticamente a partir de sua fonética básica, que acentua naturalmente a penúltima vogal nas palavras com as terminações fracas *a, as, e, es, o, os, am, em e ens*.

As palavras que ferirem a natureza da língua são acentuadas graficamente porque o acento gráfico foi criado para marcar o deslocamento da acentuação natural da palavra.

**Palavras-chave:** Ortografia, Acentuação, Leitura, Ensino, Gramática

## INTRODUÇÃO

Mais de noventa e nove por cento das palavras da língua portuguesa se regem exclusivamente por uma regra lógica de acentuação gráfica, ficando menos de um por cento que se justifica por outros critérios: Acentuam-se graficamente as palavras que ferirem a natureza da língua, pois o acento gráfico foi criado para marcar o deslocamento da acentuação natural.

Como já tratamos deste tema em outros trabalhos (SILVA, 2004 e 2004-a), pretendemos chamar a atenção, nesta palestra, para algumas reflexões apresentadas por Francisco Dequi em duas obras que citarei diversas vezes: *Português: fono-orto-morfo* (Dequi, 2002) e *Neopedagogia da gramática: 18 teses surpreendentes* (Dequi, 2005).

---

<sup>1</sup> Texto resultante de uma palestra proferida no 4º Congresso da Pós-Graduação em Letras da UERJ – São Gonçalo, no dia 15 de dezembro de 2006, e na Reunião do CIFEFIL, no dia 14 de abril de 2007.

## TONICIDADE<sup>2</sup>

Numa comunicação que fiz há algum tempo, lembrei que a questão do acento e de sua nomenclatura já chegou confusa nas primeiras gramáticas latinas, de onde provêm as modernas gramáticas ocidentais, visto que o seu modelo foi a gramática do grego, que o descrevia como língua tonal, num momento em que já não o era ou já estava em adiantado estado de evolução para a fase vigente na época da redação de suas gramáticas modelares.

Ernesto Faria, em sua *Fonética Histórica do Latim*, já nos lembra disso, nos seguintes termos: “A natureza do acento latino no período clássico constitui uma das mais controvertidas questões da filologia latina...”, principalmente se partirmos de “um argumento freqüentemente repetido em favor da natureza musical do acento latino e que consiste em apresentar como prova dessa natureza musical a terminologia”, com termos como *accentus*, *gravis*, *acutus*, *altiludo*, *tonus*, *prosodia* etc. (cf. *op. cit.*, p. 124 e 125).

Ainda é o mesmo filólogo e latinista que lembra na página 126 seguinte que “Além de tudo, não podemos deixar de considerar que mesmo na Grécia por esta ocasião a natureza do acento já deveria ter evoluído para a intensidade, ou tal evolução estava em vias de se operar”.

Manuel Alvar, na tradução do *Manual de Lingüística Românica* de Iorgu Iordan e Maria Manoliu descarta completamente a referência ao acento musical de tom no latim, relacionando a musicalidade do acento latino à quantidade silábica, que estabelece a qualidade rítmica no latim clássico, quando informa:

Como no indo-europeu, dominou no latim clássico, até a época imperial, o acento musical, que dependia completamente da quantidade da penúltima sílaba. Sobre esta sílaba recaía o acento, se a sua vogal fosse longa (*cantāre*, *habēre*) e sobre a antepenúltima, se a vogal da penúltima fosse breve (*pālpēbra*, *virīdis*). Por estar subordinado à quantidade da vogal da penúltima sílaba, o acento musical não participava do ritmo

---

<sup>2</sup> Utilizaremos as palavras “tonicidade”, “tônico”, “átono”, “oxítono”, “paroxítono”, “proparoxítono” etc. para facilitar a linha de raciocínio neste trabalho, em respeito ao público presente que aprendeu na escola que a fonética do português comporta uma terminologia de língua tonal, apegada à tradição da gramatologia greco-romana, apesar de sabermos que o acento principal da língua portuguesa é intensivo e não tonal.

que estava formado pela sucessão de sílabas longas e breves. Era, portanto, um acento puramente quantitativo. (Jordan & Manoliu, [1980]: I, 121)

Mais adiante, na página seguinte, acrescenta:

No indo-europeu, o acento musical desempenhava um papel fonológico, mas em latim, como se relacionava com a quantidade da penúltima vogal, perdeu pouco a pouco sua mobilidade e deixou de ter função distintiva, o que, em última instância, debilitou consideravelmente sua importância no processo de comunicação.

Além de contestar a terminologia gramatical relativa à tonicidade, tais como as palavras “atonicidade”, “átono”, “oxítono”, “paroxítono”, “postônico”, “pretônico”, “proparoxítono”, “subtônico”, “tonicidade”, “tônico” e termos como “rizotônico” e “arizotônico”, mostraremos uma regra de acentuação gráfica que, bem aplicada e ensinada, resolverá a dor de cabeça que esta questão tem levado aos professores e aos alunos de língua portuguesa.

O professor Evanildo Bechara, sem se referir a esta questão terminológica, ensina que a nossa marca acentual é de intensidade e não de tonicidade ou musicalidade, afirmando:

Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade* [...] (Bechara, 1999: 86)

## ACENTUAÇÃO NATURAL DAS PALAVRAS SEM ACENTO GRÁFICO

Levantada esta questão, a título de curiosidade terminológica, utilizaremos a nomenclatura vigente, assim como fez o Bechara, lembrando que, basicamente, só se marcam graficamente as palavras que têm acentuação irregular, permanecendo sem acento gráfico as palavras de acentuação regular. Por isto, Francisco Dequi lembra que a acentuação gráfica tem duas funções na língua portuguesa: “função deslocadora de tonicidade e função diferenciadora de timbre.” (Dequi, 2005: 63)

É lógico que para se perceber que a acentuação foi deslocada pelo acento gráfico é preciso saber qual é a acentuação “natural ou regular das palavras sem acento gráfico”.

Do confronto das palavras acentuadas graficamente com as não-acentuadas, feito por Francisco Dequi, “verificou-se que 99,6% dos acentos gráficos dos léxicos portugueses podem ser explicados com apenas uma regra”, tendo-se como pré-requisito único, dominar a acentuação natural das palavras sem acento gráfico. (Cf. Dequi, 2005: 66).

“Felizmente, a gramática nata da nossa língua possui uma lógica e as regras necessárias para a correta leitura. As palavras acentuadas têm leitura fácil; as sem acento gráfico possuem normas simples e claras...” (Dequi, 2005: 67).

Assim como se explica a forma de expressão do gênero dos substantivos pela lógica (sem apoio na tradição), melhor ainda se ensina a acentuar graficamente sem necessidade das numerosas regras relacionadas nas gramáticas tradicionais.

A acentuação regular ou natural nos indica as palavras que não precisam de acento gráfico, contando-se as vogais da direita para a esquerda, como ensina Francisco Dequi (2005: 70-71):

1 – Se a palavra termina nas vogais fracas (**a, e, o, am, em, ens**), o acento natural estará na penúltima vogal<sup>3</sup>: “objetiva”, “professoras”, “tonicidade”, “preliminares”, “sendo”, “apoiados”, “acentuam”, “cedem”, “jovens”;

2 – Se a palavra termina de outra forma (em qualquer uma das demais terminações não incluídas no rol acima), essa terminação será forte e o acento se fixará na última vogal: “parti”, “coatis”, “Bauru”, “urubus”, “beiral”, “papel”, “funil”, “paiol”, “azul”, “azar”, “lazer”, “rugir”, “horror”, “abajur”, “jasmim”, “marrom”, “algun”, “cartaz”,

---

<sup>3</sup> Nos monossílabos, a nasalidade torna fortes as vogais, dispensando que sejam marcados com acento gráfico. Por isto é que somente os monossílabos terminados em “a”, “e” e “o” são acentuados graficamente para indicar que se trata de sílaba forte. Como os monossílabos só têm uma sílaba, o acento gráfico terá a função de indicar que eles são marcados somente quando tiverem acentuação irregular.

“refez”, “atriz”, “atroz”, “avestruz”, “jardins”, “neon”, “batons”, “alguns”, “canguru”, “Jesus”, “irmã”, “maçãs”.

3 – Quando pospostas a outras vogais, as letras “i” e “u” são normalmente semivogais, formando ditongos decrescentes, qualquer que seja a sua posição na palavra<sup>4</sup>: vai, alcaide, mau, caule, cáustico, sei, seita, dêitico, seu, pleura, terapêutico, viu, foi, foice, sou, roupa. Portanto, quando forem fortes, serão acentuadas graficamente, formando hiatos com as vogais anteriores<sup>5</sup>: “af”, “saída”, “ensaística”, “bau”, “balaústre”, “Jacarei”, “monoteísta”, “politeístico”, “pajeú”, “jacareúba”, “tapii”, “teiu”, “socol”, “amendof”, “corroído”, “dou”, “tatur”, “Luísa”, “concluíssemos”, “embuú”.

## REGRAS TRADICIONAIS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Na maioria das gramáticas, além de apresentar por volta de dezesseis regras de acentuação gráfica, exigem que se tenha uma série de conhecimentos como pré-requisitos, tais como as noções de divisão silábica, classificação das palavras quanto à posição da sílaba mais forte (oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas etc.), reconhecimento dos diversos tipos de encontros vocálicos estáveis (ditongos, tritongos e hiatos) ou instáveis, distinção entre vogais e semivogais, além da memorização de várias listas de terminações para as paroxítonas e oxítonas acentuáveis graficamente.

Acrescente-se a isto que as próprias proparoxítonas, que têm uma regra simples de acentuação gráfica, nem sempre são imediatamente identificadas, pois existem os casos que envolvem os encontros vocálicos instáveis, que podem ser considerados hiatos ou ditongos crescentes, como “his-tó-ria” / “his-tó-ri-a”, “tê-nue” / “tê-nu-e” etc.

---

<sup>4</sup> Rigorosamente, as semivogais aparecem sempre em posição pós-vocálica, de modo que deve ser classificado como semiconsoante o fonema que antecede a base da sílaba num encontro vocálico instável, como em “me-mó-ria”, “su-per-fi-cie”, “o-bli-quo” etc.

<sup>5</sup> Esta regra se baseia na gramática natural da língua, que tem manifesta tendência a desfazer os hiatos. Outra regra natural da fonética do português é o fechamento das vogais dos ditongos decrescentes, por influência das semivogais, que são sempre fechadas.

## 99,6% DAS PALAVRAS ACENTUADAS GRAFICAMENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA SEGUEM UMA ÚNICA REGRA

Com uma única regra podem ser conhecidas praticamente todas as palavras que levam acento gráfico na língua portuguesa, ou seja: **O acento gráfico anula o acento natural e acentua outra vogal, tornando forte a que seria fraca.**

Noutros termos, podemos dizer que, na língua portuguesa, a acentuação gráfica existe para indicar o acento irregular, porque as demais palavras não são acentuadas graficamente.

Desse modo, haverá sempre uma de duas situações: Se a palavra não tiver acento gráfico, a vogal mais forte está na posição da acentuação natural, mas se tiver acento gráfico, a vogal acentuada é a marcada com acento agudo ou com acento circunflexo. (Cf. Dequi, 2005: 72)

### ACENTO GRÁFICO MARCADOR DE TIMBRE ABERTO

A gramática natural da língua portuguesa nos leva ao fechamento das vogais “e” e “o” da base vocálica de todos os ditongos, porque as semivogais /i/ e /u/ influenciam nas vogais que as antecedem, por serem altas e fechadas, como se pode ver em “amei”, “Almeida”, “areia”, “apareceu”, “euro”, “boi”, “moita”, “costurou” e “roupa”, por exemplo.

Para indicar a irregularidade nesses ditongos, nas situações em que as vogais básicas tiverem timbre aberto, usa-se o acento agudo como sinalizador ou marca da excentricidade. Assim, têm-se “pa-péis”, “européia”, “tabaréu”, “dodói”, “bóia”, “heróico” etc.

### ACENTOS QUE SE JUSTIFICAM MORFOSSINTATICAMENTE

Além do acento que se justifica foneticamente, há uns poucos casos que têm função morfossintática, levando sempre o acento circunflexo na situação marcada, tradicionalmente chamados de acentos diferenciais.

O acento diferencial pode indicar fatos morfossintáticos diferentes.

a) para indicar simplesmente a intensidade, como o verbo “pôr” em oposição à preposição “por”;

b) para indicar o plural em oposição ao singular na terceira pessoa do verbo, como nos monossílabos e nos oxítonos terminados em “êm”: “têm” / “tem”, “vêm” / “vem”, “contêm” / “contém”, “atêm” / “atém”, “retêm” / “retém”, “obtêm” / “obtém”, “abstêm” / “abstém”, “sobrevêm” / “sobrevém”, “intervêm” / “intervém”, “advêm” / “advém”, “convêm” / “convém” etc.<sup>6</sup>

c) para indicar o pretérito perfeito do indicativo em oposição ao presente do indicativo, como é o caso de “pôde”, para se diferenciar de “pode”, que, além da diferença morfossintática, indica também a diferença de timbre.

## ACENTO GRÁFICO NÃO JUSTIFICADO

Há uma regra ortográfica de acentuação gráfica que não se justifica por nenhum critério lógico na gramática da língua portuguesa, que é a situação dos hiatos “**êm**” e “**ôo**”, pois ela não é exigida nem pelo timbre nem por questão diferencial de qualquer natureza.

Com certeza, será eliminada na próxima reforma ortográfica da língua portuguesa, como profetiza acertadamente o Professor Francisco Dequi (2005: 75).

## CONCLUSÃO

Como esta polêmica relativa ao ensino da acentuação gráfica não é muito antiga, com a intensidade que se vem levantando na última década, pretendo concluir com a transcrição de um texto de Evanildo Bechara que é transcrito na quarta capa de quase todos os números da série *Na ponta da língua*:

---

<sup>6</sup> Lembre-se que o acento circunflexo indica a vogal marcada em relação ao número plural, porque nossas nasais já são fechadas, naturalmente, dispensando-se a marcação diacrítica.

## NO MAR DE DÚVIDAS

Há duas maneiras de aprender qualquer coisa: uma, leve, suave, com informações corretas mas superficiais, que, pela incompletude da lição, não indo aos assuntos a ela correlatos, acaba sendo insuficiente para permitir a fixação da aprendizagem. É um método que pode agradar, e até divertir o leitor menos exigente; mas não lhe garante o sucesso do conhecimento.

A segunda maneira é aquela que procura dar um passo à frente da resposta breve e imediata: estabelece relações entre a dúvida apresentada e outros assuntos afins, de modo que, aprofundando um pouco mais a lição, amplifica o conhecimento e garante sua permanência, porque não se contenta em ficar na superfície dos problemas e das dúvidas.

Falamos em superfície, e a palavra nos sugere agora uma comparação entre as duas maneiras de aprender de que vimos tratando. A primeira ensina a pessoa, no mar de dúvidas, a manter-se à superfície; não afunda, mas não sai do lugar. A segunda, além de permitir à pessoa permanecer à superfície, ensina-lhe a dar braçadas, ir mais além. Assim, pela primeira maneira, a pessoa bóia; pela segunda, nadando, avança e chega a seu destino. (Bechara *et alii*, 2005, 4ª capa)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

———; RODRIGUES, Antônio Basílio; FREITAS, Horácio Rolim de. (org.). *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna; Linceu Literário Português, 2005, vol. 7.

DEQUI, Francisco. *Português (fono-orto-morfo)*. 5ª ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos – IPUC, 2002.

———. *Neopedagogia da gramática*. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos – IPUC, 2005.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. [1ª ed., 1ª reimp.], rev. reelaboração parcial e notas por Manuel Alvar. Madri: Gredos, [1980], 2 tomos. (Biblioteca Românica Hispânica, dirigida por Dámaso Alonso).

SILVA, José Pereira da. Inadequação na moderna terminologia gramatical. **In:** *Cadernos da ABF*, vol. II, n° 2. Rio de Janeiro: ABF, 2004, p. 54-72. Disponível em <http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero2/06.htm>

———. A terminologia gramatical: alguns casos polêmicos na descrição lingüística. **In:** *Cadernos da ABF*, vol. V, n° 01. Rio de Janeiro: ABF, 2004-a, p. 24-40. Disponível em <http://www.filologia.org.br/abf/vol5/num1-02.htm>